



QUEM SOMOS NÓS? NEGRAS E NEGROS DE PELE CLARA NO BRASIL: UMA AUTOIDENTIFICAÇÃO INTERSECCIONAL DOS INCÔMODOS

Ana Caroline Oliveira da Silva¹, Patrícia da Silva Von Der Way²

¹Bacharela do curso interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e pós-graduada em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP-FIOCRUZ), Salvador, Bahia. E-mail: anacarolineos53@gmail.com; ²Docente Mestre em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (Ebape/FGV). Doutoranda em Estudos de Gênero pela Universidade de Lisboa (ISCSP/ULisboa), Lisboa. E-mail: patriciaway.deg@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa qualitativa, exploratória, analítica teve como objetivo compreender os ‘incômodos’ vivenciados por pessoas negras de pele clara (pardas). A revisão bibliográfica da literatura sobre gênero e raça, seguida da análise de conteúdo dos relatos de experiências e autoetnografia que utilizou os incômodos como categoria analítica inicial permitiu identificar como são percebidas por este grupo de pessoas negras de pele clara as situações de discriminação étnico-racial no Brasil, em 2022. A teoria da interseccionalidade, o ‘colorismo’ e a ‘democracia racial’ foram confrontados nas narrativas dos participantes resultando em conhecimento inédito a pesquisa científica. Os incômodos sociais tecidos nas narrativas apontaram lacunas nesse campo de estudos e motivaram a buscar respostas para: “Quem somos nós, negros de pele clara no Brasil?” Explanando as potencialidades e reflexões ainda tímidas. E como essas redescobertas em ser e descobrir-se negra ampliam essas discussões.

Palavras-chave: Pessoas Negras de Pele Clara, Colorismo, Interseccionalidade, Incômodos.

Introdução

Quem é você? O que você quer ser quando crescer? Teoricamente estamos associados ao desejo de se tornar algo ou alguém, a ilusão de que não nascemos sujeitos de algo, mas que só seremos sujeitos quando escolhermos ser identificados por algo ou por outros.

O pronome indefinido "quem" pode ser o pesadelo e a busca incisiva de uma cultura de rótulos, silenciamentos e confusões subjetivas e/ou coletivas sobre o que é ser, e como construir a sabedoria sobre o que se é, quem se é ou se entende por ser. Isso pode parecer confuso, agonizante, não é mesmo? Pensando nisto e nas lacunas históricas, acadêmicas e sociais emergiu a indagação: "Quem somos nós? Negras e Negros de pele clara no Brasil?" Afinal, no processo doloroso¹ de colonização e escravização do Brasil por intermédio da miscigenação e do mito da democracia racial², surgiu à categoria dos mestiços

que avançou para negros, segundo a nomenclatura atual do IBGE³, porém é necessário investigar para reescrever e ressignificar o que os tons têm a nos falar sobre nós mesmos, utilizando a teoria da interseccionalidade cunhada por Kimberlé Crenshaw⁴ e do colorismo² junto as singularidades do lugar da mulher negra relatadas por Lélia Gonzalez para ajudar a compreender "quem somos nós?"

Material e Método

“A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva”⁵. É nesta dialética da poesia sensível de ser e viver que aprofundamos “Quem somos nós: Negras e Negros de pele clara no Brasil?”.

Neste trabalho adotamos a pesquisa social sob o viés da subjetividade para investigar e ter o



observador como onipresente dessas subjetividades também se colocando como objeto de pesquisa desta mesma investigação – conforme conceito de ‘outsider within’ (forasteira de dentro)⁶ e do ‘lugar de fala’⁷. As narrativas foram apresentadas em primeira pessoa, pelo pronome “eu” e se homenageou as personalidades negras da história para preservar o anonimato das narrativas coletadas das participantes deste grupo social de pessoas negras (de pele clara e de pele retinta), que se caracteriza em um conhecimento anterior e intrínseco que visou: confirmar, contradizer e/ou pensar novas teorias sobre o tema proposto, “E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído”⁵.

Foram utilizadas as experiências de uma vida enquanto construção histórica, social e analítica seguidos pelo aporte de investigações, dúvidas e recortes teóricos com o objetivo de encontrar respostas, ou até mesmo reflexões a caminho da construção e aprofundamento do conhecimento científico.

A fase exploratória do trabalho funciona como uma espécie de resposta social e nomeação de incômodos reunidos em fatos da realidade em campo. Com a finalidade de conectar narrativas e ao mesmo tempo na retomada de uma análise de conteúdo⁸ que ora podem se interseccionar, se afastar ou construir novas formas de saberes.

A autoetnográfica partiu do conjunto de narrativas interseccionais: gênero, geração, raça

(tons, cor da pele) e orientação sexual, sem intenção probabilística sobre as pessoas negras no Brasil. Os relatos reúnem a conexão de histórias sobre a perspectiva de corpos diferentes com o intuito de compreender até que ponto se alinham e/ou trazem novas considerações sobre as identidades de gênero e étnico-raciais no Brasil. As narrativas partem de um lugar incomum, da voz, do lugar de fala⁷, subjetividade e atravessamentos como fonte de dados primários. O grupo analisado era composto por: 3 mulheres pardas (mulheres negras de pele clara); 1 criança negra de pele retinta (preta) e 2 mulheres negras de pele retinta (preta); 2 homens negros, sendo 1 homem negro de pele retinta (preto), heterossexual e 1 homem negro de pele clara (pardo), homossexual. Cada relato foi apreciado e analisado segundo seus relatos de incômodos, circunstâncias intergeracionais, dores (um sintoma que aparece como indicador de alguma disfunção correspondente ao campo da saúde coletiva onde esse estudo está situado) e dentre outros aspectos relevantes que regem estes personagens da vida real.

As narrativas foram colhidas em forma de áudio e diálogos escritos em virtude da pandemia da COVID-19, guiada de um cuidado teórico-metodológico (intimista, acolhedor e empático) em que o pesquisador também cita as suas experiências aos participantes. Extraindo livremente os diálogos em uma relação aberta, honesta e não-estruturada como entrevista que resultaram em uma monografia.



Resultados e Discussão

Diante dos dados coletados nas narrativas, é possível analisar que mesmo com a autoclassificação racial o limbo sobre a identidade continua indicando o quanto ainda é preocupante a relação identidade como categoria no Brasil, visto que o sistema de classificação não consegue dar conta das relações que ainda estruturam a cor na sociedade, como a construção da subjetividade de quem é negro⁹, ou de sujeitos que convivem com a negação de sua negritude frente à família, na educação e relações sociais.

A partir disso, houve o intuito de investigar os encontros e desencontros dessas vivências autoetnográficas, inspirando-se no artigo: “Tornar-se negra, tornar-se branca’ e os riscos do ‘antirracismo de fachada’ no Brasil contemporâneo”¹⁰, dentre outras referências nesta pesquisa. Aprofundou-se o trabalho de coleta e transcrição das narrativas na escuta e abordagem sensível sobre as dores¹, experiências e descobertas para responder a seguinte questão: Quem são os negros de pele clara no Brasil?

Para isso, as narrativas foram analisadas e adotou-se a metodologia de análise de conteúdo⁸. Em grade pré-definida de investigação a partir da unidade de registro “incômodo” que apareceu em demasia nas narrativas e experiências contadas do “incômodo de não se entender” ou “não compreender” as formas de racismo vivenciadas e como isto se configurava, não somente para pessoas de pele retinta, mas também para pessoas de pele clara, e, o que isso representava.

O conjunto de narrativas contempla 04 pessoas negras de pele clara e 04 pessoas negras de pele retinta, o que permitiu comparações intragrupo; onde os relatos convergem e divergem de acordo com o pertencimento étnico-racial.

Grupo 1: pessoas negras de pele clara, narrativas: 01 - Antonieta de Barros (53 anos), 02 - Maria Felipa (28 anos), 03 - Aqualtune, (25 anos), 08 - Estêvão Silva (29 anos); Grupo 2: pessoas negras de pele retinta, narrativas: 04 - Dandara (9 anos), 05 - Tia Ciata (79 anos), 06 - Esperança Garcia (50 anos) e 07 - Francisco José (41 anos).

O estudo nos permitiu a proposição de uma categorização como legado que pode ser utilizado em pesquisas futuras sobre os negros de pele clara e de pele retinta. Para finalizar nossa análise, a partir do referencial teórico da interseccionalidade e do colorismo articulado com a análise de conteúdo das narrativas chegamos a 04 (quatro) resultados.

01) Os mais recorrentes incômodos sentidos pelas pessoas negras de pele clara e retinta, principalmente das mulheres negras, está relacionado ao preconceito e discriminação que sofrem pela aparência do cabelo crespo, cacheado. Todas mencionaram como um rito de passagem na infância, ao atingirem a idade em que podem realizar alisamentos como sendo um processo traumático de assimilação da cultura hegemônica para ter um cabelo “liso e arrumado”.

02) Algumas narrativas trouxeram a categoria de reciprocidade de aprendizado e exemplos entre gerações: das pessoas mais velhas para as mais novas, já constante da bibliografia. Surpreendeu o



ensino/aprendizagem ao servir de exemplo das meninas e mulheres mais novas para as pessoas mais velhas no processo de empoderamento mútuo principalmente quanto à aparência (ex: assumir os cabelos crespos) e atitude de resposta diante das múltiplas discriminações.

03) A importância do conhecimento, do letramento para a ascensão social dos negros é conhecida. No entanto, as narrativas trouxeram a diferenciação do conhecimento para o que chamamos de sabedoria, um conhecimento vivido, aprendido no percurso da vida que se apresentou valoroso e que independe da escolaridade. Esta sabedoria se articula com a reciprocidade intergeracional no item anterior.

04) A identidade étnico-racial das pessoas negras de pele clara como percurso, sendo construído ao longo da vida, dependente de autorreflexão, letramento, cultura e da socialização. Os negros de pele clara relataram um limbo, principalmente na infância, por não se identificarem com os brancos e nem serem acolhidos pelos pretos, muitas vezes sofrendo racismo de ambas as partes. E a falta da discussão sobre a questão étnico-racial na escola e na família.

Considerações Finais

Neste trabalho, foi possível analisar que em nenhum dos casos analisados o colorismo nos protegeu, ao invés disso, nos dividiu. E muito menos evitou que circunstâncias e preconceitos seja pela cor, traços e cabelo; seja somente por um deles ou pela reunião de todos os aspectos, as dores e

ciatrizes continuaram por acompanhar e atravessar gerações de mestiços ou não. Essa análise comprova que categorizar a dor nos divide. Não existe mais dor ou menos dor, existe dor, nem menos racismo e mais racismo, existe racismo. A diferença está nos contextos, nas sutilezas do dia a dia, na família, na educação, na escola, no trabalho, nas relações afetivas.

Assim, as narrativas como objeto de análise mesmo em diferentes corpos, fenótipos, e/ou em diferentes espaços se costuram de geração para geração, e o tom acaba sendo mais um marcador social da falsa ilusão de um limbo, em que negras e negros de pele clara, ora são brancos, ora serão negros. Ou até mesmo da mentira que nos foi contada sobre os tais "privilégios" que surgem em um contexto e desaparece num estalar de dedos em outro. Visto isso, não podemos abandonar a ideia de que existe um processo de identificação em comum entre mestiços (negras e negros de pele clara) e pessoas negras de pele retinta na dor de ser, ou descobrir quem se é. E essa descoberta sempre dói quando os incômodos finalmente não são mais endossados, e nos despertam uma nova perspectiva de autodefinição e autoafirmação. Deste modo, uma tomada de consciência surge e, para isso, sobretudo pessoas negras de pele retinta e clara podem dar as mãos, lado a lado. Porque como diz a filosofia Ubuntu, "Eu sou porque nós somos".

Referências

1. Piedade V. Dororidade. São Paulo: Editora Nós. 2017.
2. Devulsky A. Colorismo. Jandaíra. 2021.



3. IBGE. Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça: 2008/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE. 2011. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=249891&view=detalhes>>.
4. Collins PH, Bilge S. Interseccionalidade. 1. ed. São Paulo: Boitempo. 2021.
5. Minayo MCS. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18a. Petrópolis: Vozes. 2001.
6. Collins PH. Aprendendo com a outsider within. Soc e Estado. 2016; 31:99-127.
7. Ribeiro D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento (Feminismos Plurais). 2017.
8. Bardin L. Análise de conteúdo. Edições 70. 1977.
9. Munanga K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Estud Avançados. 2004; 18(50):51-66.
10. Mattos G, Accioly I. Tornar-se negra, tornar-se branca' e os riscos do 'antirracismo de fachada' no Brasil contemporâneo. Estud Étnicos Latino-Americanos e Caribenhos. 2021; 1-12.